



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Das relações entre literatura e psicanálise: Freud, Sófocles e o início de uma tradição interdisciplinar

Neurivaldo Campos Pedroso Junior
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir questões relativas à interlocução entre literatura e psicanálise, com vistas a enfatizar a importância da interdisciplinaridade para tais estudos. Dentro dessa pauta, a metodologia empregada para analisar os textos de Freud e Sófocles está assentada em um procedimento crítico-comparativo entre textos literários e psicanalíticos. Dessa forma, foram empregados como referencial teórico autores de ambas as áreas, a saber, Jean Bellemin-Noël, Roland Barthes, Jacques Derrida e Sigmund Freud. O estudo evidenciou a produtividade de se colocar em diálogo a literatura e a psicanálise, já que permite o intercâmbio de procedimentos teórico-metodológicos entre uma e outra.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Literatura comparada. Interdisciplinaridade.

Submetido em: 05/02/2021
Aceito em: 24/11/2021
Publicado em: 30/12/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Neurivaldo Campos Pedroso Junior



Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2003) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Professor efetivo (2015) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Virginia Woolf; Literatura e pintura; Estudos Interartes; Estudos Intermídias. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a supervisão da Profa. Dra. Rita Terezinha Schmidt.



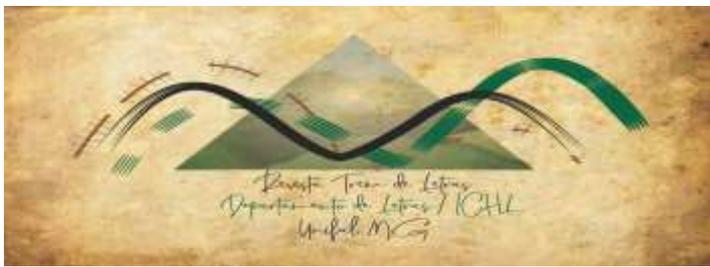
<http://lattes.cnpq.br/1499308697624781>



<https://orcid.org/0000-0002-3050-8660>



[Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul](#)



DAS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: FREUD, SÓFOCLES E O INÍCIO DE UMA TRADIÇÃO INTERDISCIPLINAR

Neurivaldo Campos Pedroso Junior (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS)¹

Começemos com uma citação:

Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las e até confundi-las. O conjunto das obras literárias oferece um ponto de vista sobre a realidade do homem, sobre o meio onde ele existe tanto quanto sobre a maneira como ele capta ao mesmo tempo este meio e as relações que mantém com ele. Este conjunto é uma série de discursos e uma concepção de mundo: os textos e a cultura sem interrupção. A doutrina psicanalítica apresenta-se de maneira quase análoga: um aparelho de conceitos que reconstruem o psiquismo profundo, e os modelos de decifração. Se o corpo do texto e o instrumental teórico pertencem a ordens diferentes da realidade (um material contra um instrumental de investigação) é preciso não perder de vista que a visão do mundo das *belas-letas* e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos *leituras*. Literatura e psicanálise “leem” o homem na sua vivência quotidiana tanto quanto no seu destino histórico. (Bellemin-Noël, 1978, p. 13).

O gesto de retomar, no início deste artigo, as palavras de Jean Bellemin-Noël deve-se ao fato de esse crítico literário ter se tornado um clássico e uma referência para todos aqueles que pretendem seguir pelos caminhos críticos-comparativos entre literatura e psicanálise. Publicada na França em 1978, a obra *Literatura e psicanálise*, de Bellemin-Noël, procura evidenciar o contraprodutivo e paralisante isolamento entre os campos do saber e, também, a necessidade de uma abordagem interdisciplinar mais acentuada entre

¹ e-mail: npedrosojunior@yahoo.com.br



literatura e psicanálise, garantido, dessa forma, não apenas o trânsito do literário para o psicanalítico, mas também o percurso inverso. Dentro dessa pauta, procuraremos enfatizar a produtividade de utilizar o método comparatista para promover os encontros interdisciplinares entre literatura e psicanálise.

Sabemos que, desde o surgimento da Psicanálise pelas mãos do jovem Sigmund Freud, uma gama de estudiosos tem voltado sua atenção ao estabelecimento de pontos de convergências e divergências entre literatura e psicanálise. De um lado, há aqueles que se apropriam de aportes teórico-metodológicos psicanalíticos com vistas a estabelecer análises patologizantes, diagnósticas, psicobiográficas ou psicocríticas de obras e autores (muitas vezes, incorrendo nos equívocos de uma “psicanálise aplicada”). De outro lado, há os que, em uma via oposta, procuram trazer, para o interior do fazer psicanalítico, a força criativa da literatura. Em que pese os usos e abusos das transposições epistemológicas de um campo a outro, há de se reconhecer que, no final, o saldo é bastante positivo.

Com a publicação, em 1900, do célebre livro *A interpretação dos sonhos*, Freud abre caminho para uma série de estudos cuja ênfase recai sobre as interlocuções entre literatura e psicanálise. De formação basicamente assentada em estudos das humanidades, é sabido, por exemplo, que o mestre vienense se voltou, com frequência, para os textos literários, a fim de estabelecer e exemplificar vários conceitos teóricos de sua nova ciência. Ávido leitor, além de Sófocles, Shakespeare, Goethe e Dostoiévski, referências constantes em seus trabalhos, aparecem também Ibsen, Maupassant, Zola e Mark Twain, para citar apenas alguns.

Décadas mais tarde, Jacques Lacan, em seu retorno a Freud, irá fazer do diálogo entre psicanálise e literatura uma tônica em seu trabalho. Nesse sentido, é interessante observar que, em seus seminários, Lacan pouco se ocupa de casos clínicos para sustentar seu ensino, mas volta-se, com muita frequência, à literatura. Poderíamos citar,



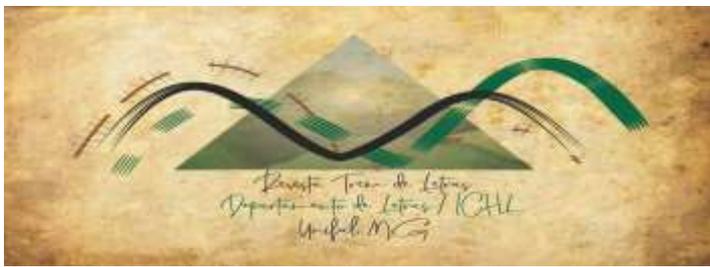
à guisa de exemplificação, os ensaios “Lituraterra”, o estudo sobre a *Carta roubada*, de Edgar Allan Poe, sete lições sobre o Hamlet, de William Shakespeare, os seminários sobre James Joyce, “Homenagem a Marguerite Duras”, “Mocidade de Gide”, entre outros.

Além disso, a releitura dos textos inaugurais de psicanálise, empreendida por Jacques Lacan na década de 1950, é fortemente influenciada pelos avanços que ganhavam corpo e forma no campo da Linguística, o que permitirá ao psicanalista francês situar a descoberta do inconsciente freudiano no campo da linguagem, resultando, dessa forma, na já bastante conhecida passagem lacaniana “o inconsciente é estruturado como linguagem” (Lacan, 1998 [1957], p. 526).

Aos estudos iniciados por Freud, seguiram-se outros empreendidos por vários autores, psicanalistas ou não: Melanie Klein, Charles Paul Maron, Jacques Lacan, Roland Barthes, Jean Bellemin-Noel, Julia Kristeva, Alan Didier-Weill, Jean Starobinski, Jacques Derrida, entre outros. Verificam-se perspectivas novas de se abordar, no interior do pensamento e do fazer psicanalítico, a potência da literatura em lidar com uma gama de fenômenos que são comuns à Psicanálise: o desejo, os sentimentos, as paixões, os sonhos em suas múltiplas formas, a fantasia e a criação de realidades. Com efeito, ainda que sejam encontrados estudos que pretendem “psicanalisar” as obras literárias ou tentar colocar os escritores no divã por meio delas, e que incorrem em uma total descontextualização do texto literário, no balanço geral, na interlocução literatura e psicanálise, os ganhos superam as perdas.

1 Freud e o início de uma tradição

Em 1900, na virada do século XIX para o século XX, Freud publica uma das suas mais importantes obras: *A interpretação dos sonhos*. É a partir dessa publicação que o jovem médico vienense “funda” a psicanálise. Um fato curioso quanto à publicação dessa



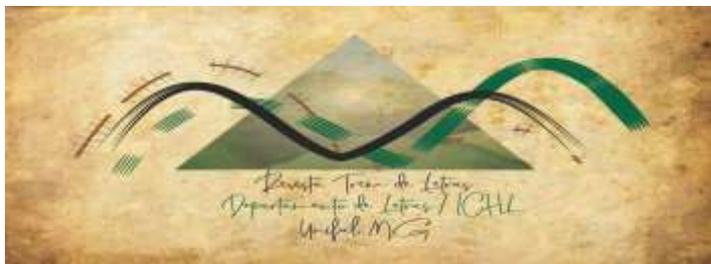
obra de Freud é mencionado por Peter Gay em seu já clássico *Freud: uma vida para o nosso tempo*. De acordo com Gay (1989, p. 21),

Em 4 de Novembro de 1889, a Editora de Franz Deuticke, com sede em Leipzig e Viena, publicou um livro de vulto de Sigmund Freud, *Die Traumdeutung*. Mas na página de rosto de *A Interpretação dos Sonhos* constava a data de 1900. Ainda que, à primeira vista, essa informação contraditória reflita apenas uma convenção editorial, retrospectivamente é um bom símbolo da herança intelectual e influência definitiva de Freud. Seu “livro do sonho”, como ele gostava de chamá-lo, era produto de uma mente moldada no século XIX, mas tornou-se propriedade – amada, tripudiada, inescapável – do século XX. O título de livro, especialmente em seu alemão lacônico, *Interpretação de Sonho*, era bastante provocativo. Fazia lembrar aquele tipo de brochura barata, dirigido aos crédulos e supersticiosos, que classifica os sonhos como predições de coisas boas e ruins por acontecer. Freud havia “ousado tomar”, comentou ele, “contra as objeções da ciência rigorosa, o partido dos antigos e da superstição.

Desse momento em diante, será recorrente a preocupação freudiana em atribuir à Psicanálise o estatuto de ciência. Devemos considerar, contudo, que o modelo de ciência em voga à época de Freud não permitia que a Psicanálise recebesse tal denominação. Por isso, são inúmeros os esforços do psicanalista em publicar narrativas clínicas, com o propósito de estabelecer e conferir critérios epistemológicos à sua nova ciência.

Na era Pós-Freud, a atitude permanece a mesma, ou seja, o questionamento da cientificidade da Psicanálise. Somados a esses questionamentos, entendemos, com Elisabeth Roudinesco, que, em nossos dias, criou-se certo “ódio” com relação à Freud e à Psicanálise, fato que pode ser observado nos seguintes ataques:

[...] “ciência judaica” para os nazistas; “ciência burguesa” para os stalinistas; “ciência satânica” para os movimentos religiosos radicais; “ciência degenerada” para a extrema-direita francesa; “falsa ciência” para os cientistas; “ciência fascista” forjada por um vienense ganancioso e perverso para os adeptos da escola “reviscionista” norte-americana. Essas ofensas nada têm a ver com a necessária crítica ao dogmatismo dos profissionais do inconsciente e seus grupelhos, ou mesmo à própria teoria freudiana, que em hipótese alguma deve ser vista como um *corpus* sagrado. (Roudinesco, 2011, p. 7).



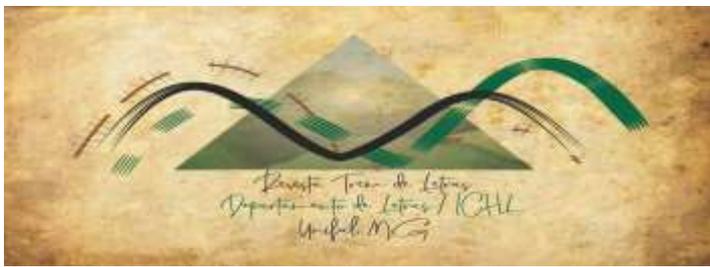
Com a publicação de *A interpretação dos sonhos*, percebemos, de um lado, o empenho de Freud para conferir à psicanálise um caráter científico e, de outro, o incontestável papel que a literatura passa a ocupar ao longo de seus escritos. Aliás, é produtivo recuperarmos um excerto do prefácio da terceira edição da obra citada, quando Freud já anunciava a importância de se pensar o “seu livro do sonho” na relação com outras disciplinas:

Posso até arriscar-me a profetizar em que outros sentidos as edições posteriores deste livro – se é que alguma se fará necessária – diferirão da atual. Terão, por um lado, de proporcionar contato mais estreito com o copioso material apresentado nos *textos de ficção*, nos mitos, no uso linguístico e no folclore; ao mesmo que, por outro lado, terão de lidar, em maiores detalhes do que foi possível aqui, com as relações dos sonhos com as neuroses e as doenças mentais. (Freud, 2018 [1900], p. 14, grifo nosso).

Entre as inúmeras referências à literatura presentes na obra de Freud, pretendemos, neste artigo, destacar o papel desempenhado pela peça *Édipo rei*, de Sófocles, pois, ao empregá-la, Freud propõe uma interpretação da obra sofocliana que, certamente, irá mudar o destino de toda a humanidade, uma vez que, a partir desse momento, ele formula sua teoria acerca do chamado “complexo de Édipo”.

Considerando que o tema do Édipo será frequente nos textos freudianos, e que tentar abordar todas as suas modulações, nos limites deste artigo, seria um projeto presunçoso, para não dizer impossível, nos centraremos em duas vertentes do complexo de Édipo: a dos impulsos sexuais da criança em relação aos pais e a da versão assassina, que aparecem, respectivamente, em *A interpretação dos sonhos* e *Totem e tabu*.

A primeira referência ao Édipo aparece em *A interpretação dos sonhos*. Na sessão intitulada “Sonhos sobre a morte de pessoas queridas”, Freud vem desenvolvendo um raciocínio centrado no papel que os pais desempenham na vida mental das crianças e



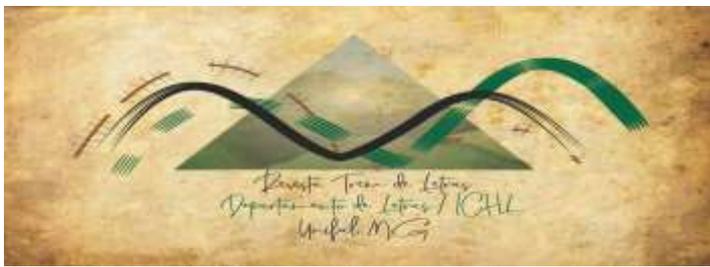
destaca que elas exibem, numa escala ampliada, sentimentos de amor e ódio pelos pais. Tal fato resulta na seguinte afirmação freudiana:

Essa descoberta é confirmada por uma lenda da Antiguidade clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome. (Freud, 2018 [1900], p. 245).

A importância de Édipo para Freud pode ser medida pelo constante retorno desse tema em quase todos os seus escritos, sempre com o propósito de recolher mais material para as suas elaborações teóricas, entre as quais, podemos citar o complexo de Édipo, o complexo da castração, “[...] a dissimetria do processo edipiano entre homens e mulheres, a diferença sexual, a angústia, o enigma da Esfinge como equivalente à pergunta ‘de onde vêm os bebês? O autocegamento de Édipo como equivalente à castração” (Quinet, 2015, p. 15), e, também, de estabelecer uma equivalência entre a ignorância de Édipo quanto à sua origem e o saber inconsciente. Para Freud (2018 [1900], p. 246), o destino de Édipo

[...] comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso – porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele. É o destino de todos nós, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino para o nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso que acontece. O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de próprios nossos desejos infantis. Contudo, mais afortunados que ele, conseguimos, na medida em que não nos tenhamos tornado psiconeuróticos, desprender nossos impulsos sexuais de nossas mães e esquecer nosso ciúme de nossos pais. .

É importante assinalar que, para o desenvolvimento do complexo de Édipo, Freud dedica-se muito mais à tragédia de Sófocles do que ao mito de Édipo. A peça sofocliana se inicia no momento em que Édipo, tendo já assassinado seu pai, casado com sua própria mãe e se tornado Rei de Tebas, recebe, no palácio, os mensageiros que trazem



a resposta do oráculo sobre as medidas a serem tomadas para aplacar a peste que se abate sobre a cidade. Aludimos, nesse sentido, a um fragmento da peça de Sófocles (2012, p. 10-11):

CREONTE – Pois bem, eis a resposta que me foi dada em nome do deus. O grande Apolo nos dá a ordem expressa “de limpar a imundice que corrompe este país, e não deixá-la crescer até que se torne inextirpável.

ÉDIPO – Sim. Mas como limpá-la? Qual é a natureza do mal?

CREONTE – Expulsando os culpados, ou fazendo-os pagar assassinio por assassinio, pois é esse sangue que perturba nossa cidade.

ÉDIPO – Mas qual é o homem de cuja morte fala o oráculo?

CREONTE – Este país teve outrora por chefe Laio, antes mesmo de tu mesmo passares a governar nossa cidade.

ÉDIPO – Disseram-me, mas jamais o vi.

CREONTE – Ele está morto, e o deus hoje nos prescreve vingá-lo e punir seus assassinos.

ÉDIPO – Mas onde estão eles? Como reencontrar nesta hora o vestígio de um crime tão antigo?

Freud, portanto, ao propor uma análise da tragédia de Sófocles, enfatiza que esta se apresenta como uma “tragédia do destino”, cujo efeito trágico residiria “[...] no contraste entre a suprema vontade dos deuses e as vãs tentativas da humanidade de escapar ao mal que a ameaça” (2018 [1900], p. 247). Nesse ponto, é importante destacar a insurgência, no texto freudiano, de um tema que é caro à teoria literária: a distinção entre os termos tragédia e trágico. Enquanto o primeiro está relacionado a um gênero literário, o gênero dramático, o segundo é um fenômeno encontrado não apenas na tragédia, mas também em outros gêneros literários, como, por exemplo, a epopeia.

Hans-George Gadamer (1997, p. 212) acentua que o trágico “[...] na verdade, nem se trata de um fenômeno especificamente artístico, na medida em que se encontra na própria vida”. Frente a essa distinção, importa, para Freud, o efeito trágico que a peça de



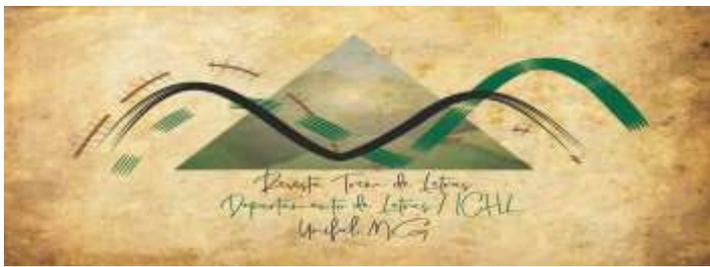
Sófocles provoca no espectador, uma vez que este pode, por meio da catarse, ter seus desejos impossíveis realizados no personagem de Édipo.

Dito de outra forma, percebemos que o interesse de Freud está centrado muito mais na experiência teatral do que propriamente na figura do Rei de Tebas, ou seja, interessa a Freud investigar o porquê de uma tragédia antiga, que aborda temas sensíveis como o parricídio e o incesto, ser recebida por uma audiência moderna e comovê-la. Dentro dessa pauta, concordamos com Richard H. Armstrong (2018, p. 90) quando, ao analisar a relação entre os sonhos e a experiência teatral, afirma que

[...] a realidade virtual do teatro também nos acalma até relaxarmos a nossa repressão, permitindo que o dramaturgo acesse nosso eu profundo. Distanciamos-nos da peça como de uma ilusão, por isso é possível fechar os olhos para o que está acontecendo conosco num nível psicológico mais profundo e supor que estamos tendo uma experiência teatral satisfatória.

Freud destaca, assim, a importância da construção literária empreendida por Sófocles, ao afirmar que, à medida que desvenda o passado de Édipo, “[...] o poeta nos compele a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados” (Freud, 2018, p. 246). Nesse sentido, podemos afirmar que Freud toma de empréstimo da literatura um tema, o do Édipo, que irá acompanhá-lo por toda a sua vida.

Nos outros escritos que datam da publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900), a tônica recai sobre a vertente sexual do desejo incestuoso da criança com relação aos pais. Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1988, p. 167-168) esclarecem que o complexo de Édipo está intimamente relacionado à fase fálica da sexualidade infantil, e “[...] aparece quando o menino (por volta dos 2 ou 3 anos) começa a sentir sensações voluptuosas. Apaixonado pela mãe, ele quer possuí-la, colocando-se como rival do pai, outrora admirado”.



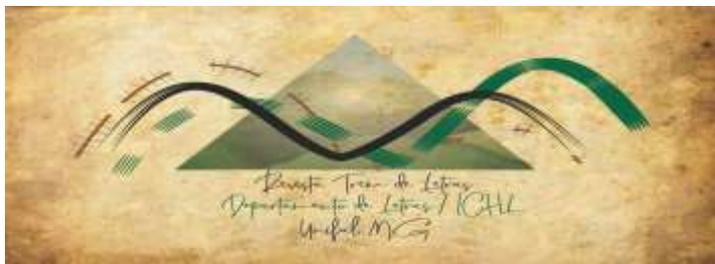
Essa primeira etapa do Édipo começa, então, com a sexualização dos pais, isto é, a criança é tomada por um desejo sexual incontrollável por um dos pais, mas tem de aprender a limitar tais impulsos, ajustando-os aos limites do seu corpo imaturo, da sua consciência nascente, dos seus medos e, por fim, de uma lei que a proíbe de tomar os próprios pais por objetos sexuais.

Com a publicação de *Totem e Tabu*, em 1913, o enfoque de Freud começa a mudar; de um lado, ele amplia a discussão sobre o Édipo de forma a agregar a perspectiva cultural/social, e, de outro, acentua a versão do assassinato do pai. Entendendo o totem como o guardião de uma tribo formada por pessoas com a mesma ascendência, Freud procura descrever, no texto de 1913, a origem das proibições sexuais, destacando que, por mais primitiva que seja uma sociedade/comunidade, sempre haverá uma proibição relativa ao tabu do incesto.

Elisabeth Roudinesco e Michel Plon trazem uma introdução bastante esclarecedora ao tema trabalhado por Freud em *Totem e Tabu*, pois, de acordo com os psicanalistas franceses (Roudinesco; Plon, 1998, p. 758, grifo nosso),

Num tempo primitivo, os homens viviam no seio de pequenas hordas, cada qual submetida ao poder despótico de um macho que se apropriava das fêmeas. Um dia, os filhos da tribo, rebelando-se contra o pai, puseram fim ao reino da horda selvagem. Num ato de violência coletiva, mataram o pai e comeram seu cadáver. *Todavia, depois do assassinato, sentiram remorso, renegaram sua má ação e, em seguida, inventaram uma nova ordem social, instaurando simultaneamente a exogamia (ou renúncia à posse das mulheres do clã do totem) e o totemismo, baseado na proibição do assassinato do substituto do pai (o totem). Totemismo, exogamia, proibição do incesto: foi esse o modelo comum a todas as religiões, em especial o monoteísmo.*

O sentimento de remorso e de culpa dos filhos pelo assassinato dos pais possibilitou a criação dos dois fundamentos do totemismo: a proibição do incesto e a proibição de matar o pai. Para Freud (2012 [1912-1913], p. 219), esses dois tabus ligavam-



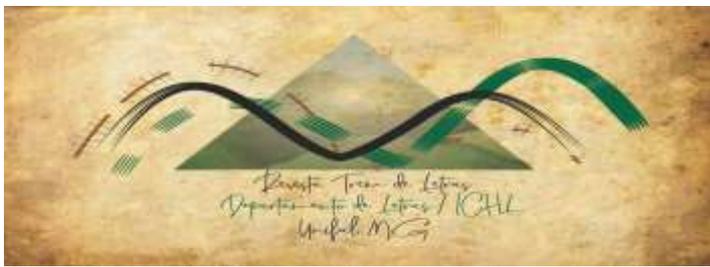
se aos “[...] dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem os infringia tornava-se culpado dos dois crimes que inquietavam a sociedade primitiva”.

Com a atenção voltada para essa passagem freudiana, somos levados a questionar, portanto, qual é a relação do Édipo com a noção totêmica abordada por Freud em *Totem e tabu*. Entendemos que o mito de totem e tabu encarna, de forma mais efetiva, a fundamentação teórica elaborada por Freud acerca do complexo de Édipo do que o próprio Édipo, uma vez que este não tinha ainda o complexo de Édipo. Já os filhos do pai assassinado da horda totêmica, sim, pois estavam sujeitos à dupla interdição edipiana: a interdição de matar o animal totêmico (representante do pai assassinado) e a interdição do incesto com a mãe. Ao forjar o mito do totem e tabu, Freud acaba por imprimir um caráter universal ao tabu do incesto, articulando, dessa forma, o “sujeito individual”, tal qual aparecia em *A interpretação dos sonhos*, com o “sujeito social”, como aparece em *Totem e tabu*.

Considerando o que foi exposto anteriormente, compreendemos que o estabelecimento do complexo de Édipo caminha *pari passu* com o nascimento da própria Psicanálise. Sendo assim, Freud nos aponta para a certidão de nascimento da Psicanálise, a Arte e a Ciência.

A literatura movimenta as discussões freudianas em outro texto de 1907, “O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen”, em que analisa o romance *Gradiva – uma fantasia pompeiana*, do romancista e dramaturgo alemão Wilhelm Jensen. O texto leva-nos à percepção de que Freud pretende não apenas utilizar o texto literário como suporte para o debate de um tema psicanalítico, a saber, a interpretação dos sonhos, mas interessa-lhe, também, discutir a natureza da produção literária, o que resulta no seguinte raciocínio:

Mas os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem



sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós. Homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (Freud, 2015 [1907], p. 16).

E assim, como em uma fita de Moebius (figura topológica cara à Psicanálise), Freud desliza da psicanálise para a literatura e faz o caminho inverso, dando voz ora a uma, ora à outra disciplina. Nesse ponto, poderíamos afirmar que o psicanalista vienense já empreendia um trabalho interdisciplinar de forma bastante produtiva. Na verdade, em/para Freud, a interdisciplinaridade deve estar na base da formação de todo analista, tendo em vista que, segundo as palavras do autor (Freud, 2014 [1926], p. 212),

Se fôssemos criar – o que hoje ainda pode parecer fantástico – uma escola de psicanálise, nela se haveria de se ensinar muita coisa que é também ensinada na escola de medicina: ao lado da psicologia profunda, que sempre seria a matéria principal, uma introdução à biologia, o estudo mais amplo possível da vida sexual, uma familiaridade com os quadros clínicos de psiquiatria. Por outro lado, a instrução analítica também abrangeria matérias distantes da medicina, com as quais o médico não tem contato em sua atividade: história da civilização, mitologia, psicologia das religiões e literatura. Sem bons conhecimentos nessas áreas, o analista deixaria de compreender grande parte de seu material.

Surge, a partir de então, uma clínica psicanalítica que carrega, em seus flancos, a força geradora de significações próprias à arte e à literatura. Freud já nos mostrou isso. Lacan também o fez. Em ambos os autores, a experiência com a literatura e a abertura para múltiplos contextos que dela advêm permitem não apenas ampliar as possibilidades de interpretação do discurso do analisando, mas também o estabelecimento de vários axiomas psicanalíticos. Em outras palavras, a literatura possibilita “[...] exercitar o ‘como se fosse’ ou o ‘como seria se’, evitando que fiquemos restritos a uma repetição desvitalizadora do processo analítico” (Annes, 2002, p. 71). Há, dessa forma, um ganho substancial para o entendimento e a leitura do psiquismo, bem como de toda narrativa clínica que se opera na situação analítica.



Se, como vimos anteriormente, desde a época de Freud, a literatura tem sido empregada na/para a formulação de axiomas psicanalíticos, há outra vertente na interlocução literatura e psicanálise, aquela que, armada de instrumentais teórico-metodológicos psicanalíticos, emprega-os na leitura/interpretação dos textos literários. As análises atuais abarcam perspectivas que, apesar de não serem necessariamente excludentes, polemizam entre si. Cleusa Rios P. Passos e Yudith Rosenbaum (2014, p. 10) fazem um breve levantamento dessas análises, que, em linhas gerais, podem assim ser resumidas em:

[...] a. interpretar os conteúdos temáticos do texto como traduções das noções da metapsicologia psicanalítica; b. compreender as estruturas linguísticas como linhas de força significantes sempre móveis e multideterminadas; c. abordar o efeito estético da obra na transferência analítica com o leitor; d. psicanalizar o autor em suas motivações e conflitos inconscientes; e. desconstruir o autor e, em seu lugar, propor o jogo textual como protagonista exclusivo; f. mobilizar os mecanismo do sonho e das formações inconscientes, como condensação e deslocamento, para pensar procedimentos de criação de arte; g. rastrear o dado psicanalítico como um saber a mais, entre tantos, transfigurado no jogo verbal esteticamente elaborado.

Logo, não se trata mais, por exemplo, de determinados devaneios interpretativos da crítica literária e de diversos estudos, difundidos nacional e internacionalmente, que pretendiam realizar “análises aplicadas” ou uma “psicanálise aplicada” aos textos literários, nos quais predominavam abordagens críticas, pretensamente, de “inspiração psicanalítica” (citaríamos, como exemplo desse tipo de análise, o livro *Psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bettlenheim). Dentro dessa pauta, são significativas as palavras de João Frayze-Pereira, quando procura contextualizar o que se entenderia por “psicanálise aplicada”. Para o autor (Frayze-Pereira, 2014, p. 70),

Como se sabe, “psicanálise aplicada” significa o uso da teoria e da técnica psicanalítica para interpretar tudo o que não é fenômeno surgido na sessão de

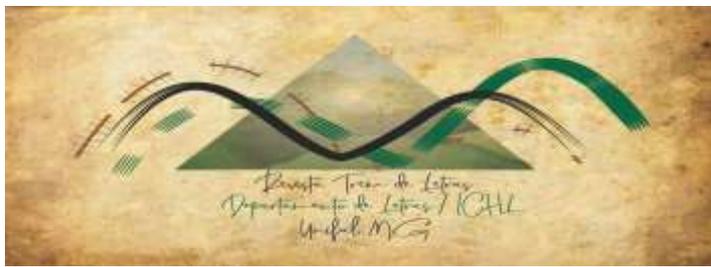


análise. Daí ter surgido depois de Freud, o variado campo de estudos de psicanálise e arte, psicanálise e literatura, psicanálise e religião, psicanálise e política e assim por diante. Nesses trabalhos, são focalizados os processos psíquicos, psicanaliticamente predefinidos como conceitos teórico-crítico, de sorte que a prática da “psicanálise aplicada” costuma ser bastante monótona e, por essa razão, questionada. As críticas, em geral, são contundentes e disparadas contra aqueles que interpretam tudo segundo um modelo que acaba reduzindo a diversidade das formas estéticas e dos fenômenos culturais sempre aos mesmos temas e determinações, como, entre nós, já observara Anatol Rosenfeld.

Complementando o raciocínio de João Frayze-Pereira, talvez pudéssemos advogar a favor de uma “psicanálise implicada” para a leitura e análise dos textos literários, ou seja, uma estratégia de leitura que, longe de tentar converter a obra literária em um sintoma da teoria psicanalítica, procurasse lê-la em sua especificidade, lugar de produção e jogo de significantes, construindo uma interpretação para ela e derivando dela. Trata-se, em outras palavras, de uma psicanálise dos textos, do inconsciente dos textos e não dos autores.

O pesquisador que pretende trilhar os bosques das relações entre literatura e psicanálise pode e deve interpretar o “[...] sistema de representação que constitui o texto literário/cultural, buscando nele identificar a constelação de estratégias utilizadas, as linhas de força que o constituem e os valores simbólicos que o singularizam” (Schmidt, 2002, p. 41).

Dito isso, poderíamos, por exemplo, abordar a relação entre literatura e psicanálise a partir da utilização da *palavra*, a pedra de toque de ambas as disciplinas. Ou então, munidos de instrumentos freudianos, verificar a emergência ou a repressão edipiana manifestas ou latentes no texto literário. Se o interesse do pesquisador reside nos processos oníricos, não faltarão análises do drama barroco, das poesias romântica, simbolista e surrealista. A lista é longa e, ousaríamos afirmar, infinita. Afinal, aprendemos com Roland Barthes (1989, p. 18) que “[...] a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe



muito sobre os homens”. A literatura sabe. A psicanálise também. É por isso que ambas se interpenetram, interagem e se renovam mutuamente.

Não podemos deixar de mencionar, ainda, o impacto que a Psicanálise promoveu no campo das teorias pós-estruturalistas e pós-coloniais, notadamente nos trabalhos de Michel Foucault, Julia Kristeva, Roland Barthes, Frederic Jameson, Homi Bhabha e Jacques Derrida. Todos esses autores são “amigos da psicanálise”, conforme esclareceu o próprio Derrida em entrevista a Elisabeth Roudisnesco (2004, p. 200-201). Derrida (2004, p. 200-201), na esteira do que já vinha discutindo desde seu livro *Políticas da amizade*, afirma:

Gosto da expressão “amigo da psicanálise”. Ela diz a liberdade de uma aliança, um compromisso sem status institucional. O amigo mantém a reserva ou o recuo necessários à crítica, à discussão, ao questionamento recíproco, às vezes o mais radical. Mas assim como a amizade, esse compromisso da própria existência, o compromisso no coração da experiência, da experiência de pensamento e da experiência pura e simples, supõe uma aprovação irreversível, o “sim” concedido à existência ou ao acontecimento não apenas de alguma coisa (a psicanálise), mas daqueles e daquelas cujo desejo permanente terá marcado sua origem e história. Terá também pago o seu preço.

E assim, com amparo no raciocínio de Derrida, podemos selar um pacto de “amizade” com a Psicanálise quando da leitura e interpretação dos textos literários. Ao longo dessa relação, podemos convocar tanto os aportes teóricos provenientes da psicanálise quanto os da teoria literária, os da crítica literária, bem como os da literatura comparada. Com isso, haverá um ganho nos processos de investigação do literário, visto que entraríamos, dessa forma, no fértil terreno da interdisciplinaridade, considerando as inúmeras possibilidades para as quais se abre. Disso constata-se que, tentar sistematizar, de forma única, as perspectivas de análises que advêm das relações entre literatura e psicanálise seria um projeto presunçoso, para não dizer impossível.



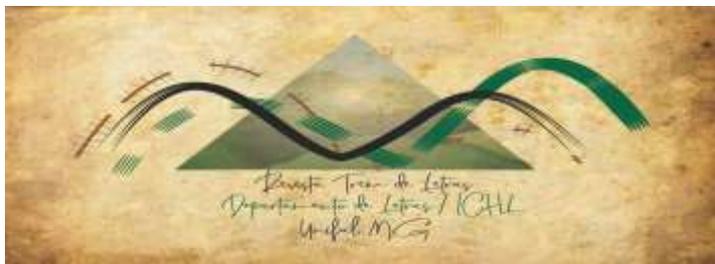
2 Literatura comparada e psicanálise: a estratégia interdisciplinar

A partir do que foi exposto anteriormente, somos levados a indagar de que forma nós, da área de Letras, podemos contribuir para os debates que envolvem as relações entre a literatura e a psicanálise e, mais ainda, como proceder a uma reflexão que movimente o campo teórico das duas disciplinas. Nesse sentido, entendemos que a literatura comparada, enquanto método de investigação do literário, pode se apresentar com uma das vias para manter vivo o debate acerca das interações entre literatura e psicanálise.

Se, à época do seu surgimento, os estudos em literatura comparada centravam-se nas investigações de fontes e influências, a partir da segunda metade do século XX, assistimos a uma ampliação do campo de atuação do comparatista, de forma a integrar não apenas a intertextualidade, a interdiscursividade, mas também, e principalmente, a interdisciplinaridade. Dentro dessa pauta, recorreremos a Tania Franco Carvalhal que, em artigo publicado no número 01 da *Revista da ABRALIC*, reflete acerca das transformações ocorridas no interior da literatura comparada, que, de sua fase inicial, subsidiária da historiografia literária, transubstancia-se em uma disciplina que põe em contato diversos campos das Ciências Humanas (e não só delas). Diante disso, observa-se que, se antes

[...] a especificidade da Literatura Comparada era assegurada por uma restrição de campos e modo de atuação, hoje, essa mesma especificidade é lograda pela atribuição à disciplina da possibilidade de atuar entre várias áreas, apropriando-se de diversos métodos, próprios aos objetos que ela coloca em relação. (Carvalhal, 2003, p. 35).

A insatisfação com as fronteiras disciplinares possibilitou ampliar os limites da literatura comparada de forma a contemplar as relações com outras áreas do



conhecimento e com outras artes. Assim, a estratégia interdisciplinar que germina no interior da literatura comparada permite-nos pensar a associação entre literatura e psicanálise, observando as ressonâncias que a interação entre as duas disciplinas provoca na estrutura dos objetos confrontados. Não se trata mais, conforme já demonstramos, da “aplicação” dos pressupostos e procedimentos de uma disciplina para análise e leitura de outra. Na verdade, pensamos que a produtividade reside, agora, na forma como os aportes epistemológicos – psicanalíticos e literários – podem ser utilizados em conjunto. Nesse sentido, poderíamos recorrer a Roland Barthes (2004, p. 103), que já havia assinalado:

[...] A interdisciplinaridade, de que tanto se fala, não está em confrontar disciplinas já constituídas (das quais, na realidade, nenhuma consente em *abandonar-se*). Para se fazer interdisciplinaridade, não basta tomar um “assunto” (um tema) e convocar em torno duas ou mais três ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. O Texto é, creio eu, um desses objetos.

Assim, a interdisciplinaridade, marcada pelo confronto entre as várias disciplinas (entre os vários discursos), termina por dar lugar à criação de um objeto novo, de um texto novo. Aliás, é, novamente, Barthes (2004, p. 75) quem, em sua análise semiológica, registrará que

[...] o próprio discurso sobre o Texto não deveria ser senão texto, pesquisa, trabalho de texto, já que o Texto é esse espaço *social* que não deixa nenhuma linguagem ao abrigo, exterior, nem nenhum sujeito da enunciação em situação de juiz, de mestre, de analista, de confessor, de decifrador: a teoria do Texto só pode coincidir com uma prática da escritura.

A interdisciplinaridade apresenta-se, portanto, como uma estratégia eficaz para a comparação e a teorização acerca das relações entre literatura e psicanálise. A abertura desse caleidoscópio interdisciplinar permite que o pesquisador, ao ultrapassar as rígidas

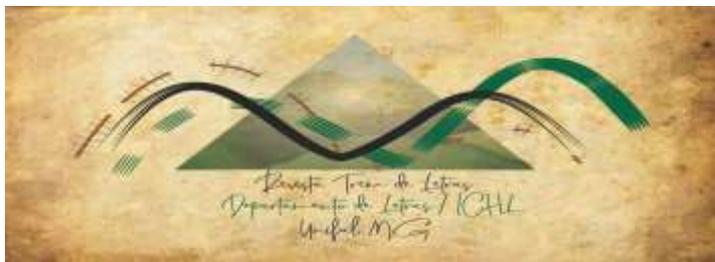


fronteiras que separam as disciplinas, desloque-se do gueto científico e investigativo. Esse deslocamento enfatiza o conceito-metáfora do comparativismo, qual seja, o cruzamento e a passagem das fronteiras, as quais podem ser entre países, nações, comunidades culturais, territórios artísticos, discursivos e disciplinares.

No que toca a esse aspecto, aludimos à Gayatri Spivak que, em seu livro *Death of a discipline*, joga com a seguinte ideia: a literatura comparada está morta. A literatura comparada está por vir. No primeiro capítulo de seu livro, intitulado “Crossing borders”, Spivak advoga a favor de se reforçar a interlocução entre as Ciências Humanas e as Ciências Sociais no interior dos estudos comparatistas, uma vez que tal exercício contribuiria para o surgimento de uma nova literatura comparada e ampliaria o território da sua própria matriz disciplinar.

Com isso, as fronteiras entre as disciplinas, antes rígidas, tornam-se porosos pontos de passagem. O comparatista fixa, no cruzamento das fronteiras, um dos eixos definidores de sua investigação. Nesse sentido, concordamos com Spivak (2003, p. 16) quando afirma que “Comparative Literature must always cross borders. And crossing borders as Derrida never ceases reminding us via Kant, is a problematic affair”.

E assim, tomados por um desejo obsessivo de atravessar as fronteiras que separam a literatura da psicanálise e amparados por uma metodologia investigativa comparatista, podemos proceder a uma leitura que aproxime, pela linguagem, o discurso psicanalítico do ficcional. A importância dessa ampliação, das trocas, da abertura do mundo, da diluição das fronteiras geográficas, culturais e disciplinares é abordada por Tania Franco Carvalhal no artigo “L’AILC à Venise 50 ans après: un retour symbolique”. Nesse texto, escrito por ocasião do Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC/ICLA), realizado em Veneza em setembro de 2005, momento em que se celebrava o jubileu da AILC/ICLA, Tania volta sua atenção para Veneza e seus inúmeros canais a fim de lê-los como uma metáfora da prática comparatista, posto que



Venise représente l'esprit d'ouverture sur le monde qui anime les comparatistes, l'idée des voyages et des contacts qui soutiennent leur permanent besoin de mettre en rapport les hommes, les cultures et les littératures, car les ponts sur le canaux évoquent le désir d'établir des liens de toute sorte. (Carvalho, 2005, p. 515-516).

Se os canais de Veneza, assim como a própria literatura comparada, apontam para o desejo de se estabelecer ligações das mais diversas ordens, podemos associar tal gesto ao desejo de estabelecermos relações entre literatura e psicanálise. A tarefa não é das mais fáceis e exige certos cuidados. Reforçamos, por exemplo, que tal exercício demanda, também, uma dupla competência. Ou seja, o comparatista deverá aprofundar-se nas duas áreas que irá relacionar e apresentar domínio das terminologias específicas. Haverá, dessa forma, um enriquecimento metodológico, um estabelecimento mais produtivo de contrastes e analogias entre disciplinas distintas e, como corolário desse processo, leituras mais ricas e esclarecedoras. É por esse motivo que entendemos ser o método comparatista, por seu caráter inter e transdisciplinar, um dos mais apropriados para se pensar as relações entre literatura e psicanálise.

Considerações finais

A citação de Jean Bellemin-Noël que abre este artigo aponta para a ideia da produtividade de se entrelaçar o texto literário com o instrumental teórico psicanalítico, pois “[...] a visão do mundo das *belas-letras* e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos *leituras*” (Bellemin-Noël, 1978, p. 13. Grifos nossos). A afirmação do autor traz, implicitamente, outro conceito, caro tanto à literatura quanto à psicanálise, o de *texto*. Nesse aspecto, as duas disciplinas se aproximam novamente, tendo em vista que “[...] um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei da sua



composição e regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível” (Derrida, 2005, p. 07). Essa lição aprendemos com a literatura tanto quanto com a psicanálise.

Nas linhas finais de *Água viva*, de Clarice Lispector, a narradora/feiticeira escreve: “Tudo acaba, mas o que te escrevo continua, o que é bom, muito bom. O melhor não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” (Lispector, 1998, p. 95). E assim, na esteira das palavras clariceanas, entendemos que, ao colocarmos em diálogo literatura e psicanálise, sustentados pela estratégia interdisciplinar comparatista, podemos ampliar nossa habilidade para ler nas “entrelinhas” dos textos – literários e psicanalíticos – e tentar, como Édipo, decifrar o enigma do texto, antes que ele, semelhantemente à Esfinge, nos devore.

Referências

- ANNES, Rui. A Literatura no labor interpretativo e psicanalítico. In: MASINA, Leia; CARDONI, Vera (org.). *Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade e interdiscursividade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.
- ARMSTRONG, Richard. A tragédia em Hamlédio: a fusão entre Édipo e Hamlet por Freud. In: *Cadex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul./dez. 2018.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e literatura*. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CARVALHAL, Tania Franco. Comparatismo e interdisciplinaridade. In: *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2003.
- CARVALHAL, Tania Franco. L’AILC à Venise 50 ans après: un retour symbolique. *Revue de Littérature Comparée*, Paris, v. 04, p. 515-520, 2005.



DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução: Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. *De que amanhã... diálogo*. [Entrevista cedida a] Elisabeth Roudinesco. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FRAYZE-PEREIRA, João. Uma visita aos sonhos na arte: Grete Stern e Henri Matisse. In: PASSOS, Cleusa Rios; ROSENBAUM, Yudith (org.). *Crítica literária e psicanálise*. Cotia, SP: Atêlie Editorial, 2014.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Tradução: Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018 [1900].

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: diálogos com interlocutor imparcial. In: FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia: o futuro de uma ilusão e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 [1926-1929].

FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. In: FREUD, Sigmund. *O delírio e os sonhos na Gradiva: análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1906-1909].

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. *Totem e tabu, contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1912-1914].

GADAMER, Hans-George. *Verdade e método*. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

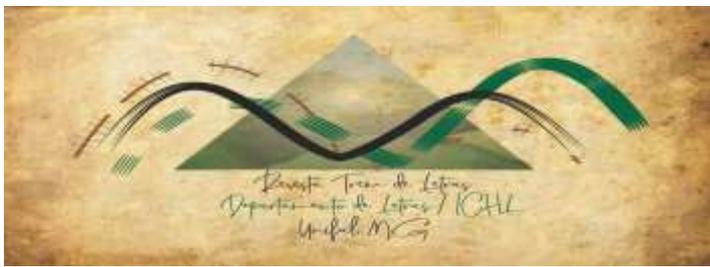
LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Freud: mas por que tanto ódio?* Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

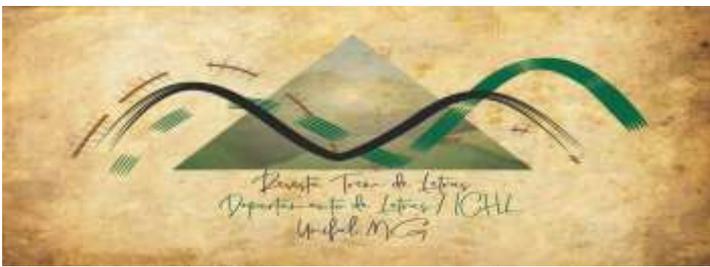


Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

SCHMIDT, Rita Terezinha. Pelo viés da cultura: repensando relações entre literatura e psicanálise. In: MASINA, Leia; CARDONI, Vera (org.). *Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade e interdiscursividade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Death of a discipline*. New York: Columbia University Press, 2003.



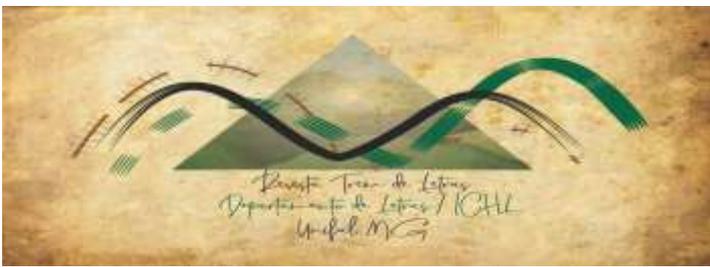
On the relationship between Literature and Psychoanalysis: Freud, Sophocles and the beginning of an interdisciplinary tradition

Neurivaldo Campos Pedroso Junior
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Abstract

This article aims to discuss questions related to the interlocution among Literature and Psychoanalysis, in order to emphasize the importance of interdisciplinarity for such studies. Within this purpose, the methodology used to analyze the texts of Freud and Sophocles, is based on a critical-comparative procedure between literary and psychoanalytic texts. Thus, authors from those two areas were used as theoretical reference: Jean Bellemin-Noël, Roland Barthes, Jacques Derrida, Sigmund Freud. The study showed the productivity, for both areas, in putting literature in dialogue with psychoanalysis, which allows the exchange of theoretical-methodological procedures between one and the other.

Keywords: Literature. Psychoanalysis. Comparative literature. Interdisciplinarity.



Sobre la relación entre Literatura y Psicoanálisis: Freud, Sófocles y el inicio de una tradición interdisciplinar

Neurivaldo Campos Pedroso Junior
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir temas relacionados con el diálogo entre Literatura y Psicoanálisis, con el fin de enfatizar la importancia de la interdisciplinariedad para tales estudios. Dentro de esta agenda, la metodología utilizada para analizar los textos de Freud y Sófocles se basa en un procedimiento crítico-comparativo entre textos literarios y psicoanalíticos. Así, se utilizaron como referencia teórica autores de esas dos áreas: Jean Bellemin-Noël, Roland Barthes, Jacques Derrida, Sigmund Freud. El estudio mostró la productividad, para ambas áreas, en poner la literatura en diálogo con el psicoanálisis, lo que permite el intercambio de procedimientos teórico-metodológicos entre uno y otro.

Palavras chave: Literatura. Psicoanálisis. Literatura comparada. Interdisciplinariedad.